TENSÃO

ENTRE FÉ E RAZÃO

Luzia Ferreira Peixoto

Resumo: *a natureza objeto da filosofia pode contribuir para a compreensão da revelação divina. Ao desassombro da fé, deve corresponder a audácia da razão. Sem fé, o ser humano se torna irracional; e sem razão, ele não pode ter fé, pois a fé sem razão não passa de credence. Fé e Razão se integram como as duas asas pelas quais o ser humano se transcende para contemplação da verdade.*

Palavras-chave: *fé, razão, transcendente, Filosofia, Teologia*

As ciências modernas avançam influenciadas por novas descobertas. O *Big-Bang* e a cosmologia inflacionária, a relatividade, a física quântica, a termodinâmica irreversível, a genética humana, as ciências cognitivas, as neurociências, a informática e muitos outros campos científicos foram atraídos *pela força propulsora do sagrado* e introduzidos nas discussões a respeito de *Deus, como criador e ator* de toda a história. Por outro lado, teólogos do cristianismo, judaísmo, islamismo, budismo e confucionismo travam conversações com a ciência (TED, 2003).

É perene e ecumênica a práxis da humanidade transcender-se ao absoluto, a superar a vinculação com os seres limitados, para colocar-se em comunicação com o transcendente. Esse transcendente pode ser chamado Ser Supremo, Deus, Espírito, Sobrenatural, Criador, Causa Primeira. É a Energia que tudo atrai e conduz como sua base e segurança, impulsionando o ser humano na história, no cosmo (ARDUINI, 1999).

Quando o ser humano fragmenta sua unidade, numa visão distorcida da fé com tabus e crenças contra os princípios da vida humana, entra num

caos. Esses casos são mais difíceis de serem tratados e requerem muita tática dos estudiosos.

Segundo Ribeiro (2005), a redução da análise do saber leva a dados imediatos, perceptíveis pelos sentidos somente da ordem material e física, levando o ser humano a uma visão limitada na descoberta de si mesmo. A modernidade e a pós-modernidade no campo das ciências dão primazia ao princípio de secularização, supervalorizando o “ter” sobre o “ser”, fruto de uma sociedade tecnológica e consumista, refletindo diretamente no saber. Dá-se mais atenção à tecnologia de ponta do que aos valores humanos e direitos da pessoa. Quando se faz o diálogo entre fé e ciência, estas passam a fazer parte do campo do conhecimento humano, ficam a serviço do ser humano como objeto de sua realização.

FÉ E RAZÃO

As tensões entre fé e razão fazem parte do estado de crença no contexto religioso, pois a religiosidade cria o ambiente de fé mantida pelo sistema de crenças e é atributo do ser racional. O ser humano o faz movido pelo senso da razão, pois é a racionalidade que determina o ser religioso. O senso religioso transcende a todo e qualquer limite estabelecido pela razão. Os limites do ser humano racional são extrapolados pela espiritualidade transcendente, presente no ser essencial (JOÃO PAULO II, 1999).

Afirma Espinosa (*apud* JOÃO PAULO II, 1999) que o ser humano é uma unidade de alma e corpo, não uma composição ou mistura da alma com o corpo, porque o ser humano é idéia do corpo e idéia da afecção do corpo, como tal conhecedor de um ser singular existente em ato, que é o próprio corpo e os corpos existentes. A primeira coisa que constitui o ser atual da alma humana não é senão a idéia de uma coisa singular existente em ato. A união do corpo e da alma é a própria essência humana, e a causa da união da idéia e de seu objeto (corpo) é Deus- Natureza-Naturante e substância única. Corpo e alma são modos, desdobramentos da substância divina, desdobramentos de acontecimentos corporais e de idéias que formam duas séries distintas que se unem numa única série: Deus.

Como modo finito da substância, *o ser humano* é quem constrói sua alegria e sua felicidade, ascendendo, assim, ao transcendental e à eternidade (SIEMEK, 2001, p. 228).

Percebe-se que, quem acredita e está mais próximo da presença de Deus, tem uma vida mais saudável. Supera de uma forma melhor tanto

a vitória, no sair bem; e até mesmo a morte. Quem tem fé sabe exatamente o caminho de cada saída (PEIXOTO, 2006).

O ato de crer é um ato de inteligência, que sabe porque crê: “*fides quaerens intellectum*”, a fé que procura compreender. A fé no seu sentido próprio e pleno, com credenciais racionais, supõe o trabalho da razão. A razão está presente ativamente em qualquer sistema de crença; ao contrário, seria uma fé cega e insustentável (FRANCA, 1999).

Fé e Razão se integram como que, “as duas asas pelas quais o ser humano se transcende, para contemplação da verdade” (JOÃO PAULO II, 1999, p. 4).

O que é a razão? É a possibilidade de um despertar de si mesmo para curar-se da embriaguez inerente à própria vida cognitiva. A razão é a cura do sono do psiquismo, no desejo como ruptura da imanência, como inquietude, pondo em questão a prioridade do saber e a tematização do ser. É por meio dessa ruptura da imanência para a transcendência do ser que a razão se torna possível, que a ética pode revelar o sentido da própria atividade teórica e das construções ontológicas, como pensamento lógico e racional (FABRI, 2001).

Perini (1999, p. 15) afirma que a razão por si só, ao exprimir o mistério, convida a si mesma a intuir razões que sabe não poder exaurir, mas apenas acolher. Graças à capacidade do pensamento humano, pode chegar a uma verdade superior que é universal, capaz de explicar o sentido da vida que projeta no absoluto.

Não são aptas para explicar a fé as filosofias: ecletismo, historicismo, cientificismo, pragmatismo, niilismo¹. Essas filosofias são sistemas e formas de pensamentos fechados nas exigências fundamentais da verdade; não podem ser assumidas como aptas para explicar a fé. A inteligência humana põe-se à procura daquilo que ama. Quanto mais ama, mais deseja conhecer. O desejo da verdade impele a razão a ir mais além. Sua capacidade é sempre maior do que aquilo que alcança (JOÃO PAULO II, 1999).

Para Tomás de Aquino (*apud* JOÃO PAULO II, 1999), a luz da razão e a luz da fé provêm ambas de Deus, e, por isso, não se podem contradizer entre si. A natureza, objeto da filosofia, pode contribuir para a compreensão da revelação divina. Desse modo, a fé não teme a razão, pressupõe o conhecimento natural, da mesma forma como a natureza pressupõe a graça.

Pela razão, o ser humano alcança a verdade e, iluminado pela fé, descobre o sentido de tudo.

Segundo o Livro dos Provérbios 4,5 (*apud* JOÃO PAULO II, 1999), o esforço da investigação não está isento da fadiga provocada pelo embate

nas limitações da razão e da contínua chantagem da dúvida. As hipóteses podem seduzir, mas não saciam. Chega o momento em que há necessidade de ancorar a existência a uma verdade reconhecida como definitiva, que forneça uma certeza livre de qualquer dúvida.

À razão humana é atribuída uma capacidade tal que parece quase superar seus limites naturais e chegar à causa que está na origem de toda a realidade sensível. Contrapondo-se a uma filosofia própria, às várias correntes do pensamento moderno, como, de um lado, o fideísmo e o tradicionalismo radical pela sua falta de confiança nas capacidades naturais da razão e, do outro, o racionalismo e o ontologismo, por atribuir à razão natural aquilo que apenas se pode conhecer à luz da fé, a razão é um fenômeno antropológico que possibilita ao ser humano um passo novo e decisivo na evolução da vida. Nesse sentido, não se opõe à fé. Com o fenômeno razão, tem-se uma nova estrutura qualitativamente diferente daquela do mundo animal, acionada ao estímulo-resposta ou ao binômio sensação-imaginação.

De acordo com Santo Agostinho (1987), nenhum ser humano crê em Deus a não ser que compreenda alguma coisa. Contudo, pela própria fé com que ele crê, é favorecido na compreensão das coisas maiores. Há, na verdade, algumas coisas em que de fato não cremos a não ser que as entendamos; e há outras que não entendemos a não ser que criamos.

Os primeiros padres filósofos do Oriente e Ocidente tiveram como função mostrar como a razão poderia escapar dos mitos para melhor se abrir à transcendência. Na teologia escolástica, a prioridade da fé não faz concorrência à investigação própria da razão. Sua tarefa é encontrar um sentido e razões que, a todos permitam entender os conteúdos da fé. Para Tomás de Aquino (1225-1274), entretanto, constata-se uma progressiva separação entre fé e razão filosófica. Com isso, tanto a razão quanto a fé ficaram reciprocamente mais pobres. A razão, correndo o risco de perder sua reta final. A fé, privada da razão, põe em evidência o sentimento e a experiência, com risco de deixar de ser uma resposta universal. A fé, privada da razão, cai no perigo de ser reduzida a um mito ou à superstição. A razão, sem a fé adulta, não é estimulada a voltar-se para a radicalidade do ser. Ao desassombro da fé, deve corresponder a audácia da razão. É a reflexão filosófica que contribui para o conhecimento do mistério. Embora haja sempre tensões entre fé e razão, é possível, no contexto religioso, encontrar um estado de harmonia entre esses opostos, pois ambos são necessários para o crescimento religioso. Embora a fé esteja acima da razão, nunca poderão existir divergências entre as duas (JOÃO PAULO II, 1999).

Trata-se de não se perder a paixão pela verdade última nem o anseio da pesquisa e a audácia de desvendar-se novos horizontes. A fé que desestabiliza a razão do isolamento, impulsionando-a a correr qualquer risco por tudo o que é belo, bom e verdadeiro.

Encontrar com Deus consiste em procurá-Lo sem cessar através da *fé e da razão*. Procurá-lo é ver Deus sem nunca estar saciado de desejá-lo (JOÃO PAULO II, 1999).

A razão está presente ativamente em qualquer sistema de crença; ao contrário seria uma fé cega e insustentável. E, ao exprimir o mistério, a razão convida a si mesma a intuir razões que sabe não poder exaurir, mas apenas acolher (PERINE, 1999).

Desde a antiguidade até nossos dias, razão e fé têm sido trabalhadas por filósofos, teólogos e estudiosos dos fenômenos religiosos. Cotidianamente, o ser humano se defronta com situações de vida que requerem atitudes de fé e decisões racionais (PERINE, 1999).

Fé e razão é que proporcionam às pessoas a capacidade de compreender o sentido de sua vida, do mundo e de Deus. Deus é o sentido de tudo que existe, e n'Ele se encerra a plenitude do mistério. O ser humano investiga a verdade com a razão.

O drama da separação entre fé e razão se deu pela destruição de tudo o que o pensamento patrístico e medieval tinha concebido e atuado como uma unidade profunda, capaz de chegar às formas mais altas da especulação. De um modo geral, o povo, preocupado ao sentir-se impotente para resolver as situações difíceis, recorre ao misticismo, muitas vezes em busca de soluções mágicas, miraculosas (PERINE, 1999).

Kant (*apud* FRANCA, 1999) afirma que é impossível fé sem a pressuposição da existência do ser superior do qual se espera a resposta. E essa convicção procede da razão. Crê-se porque, racionalmente, se sabe da existência da divindade que responde. É na compreensão e aceitação dessas tensões que o ser finito convive harmonicamente com sua finitude e vislumbra o infinito e, pela mesma fé, gera o conflito. Aceitando sua limitabilidade, salta para o desconhecido, encontrando nesse ato corajoso do imprevisível, a resposta do eterno, transmitindo-lhe paz. É a paz interior que supera toda compreensão racional, elevando o crédulo à dimensão espiritual. A fé sustenta-se de uma razão fortalecida pela posse da verdade para confrontá-la com a Revelação (PERINE, 1999)².

Husserl (*apud* SIEMEK, 2001), para definir a própria subjetividade do Transcendente, na sua estrutura e nas formas primordiais de ação, trata da diferença radical de posicionamentos, e até de diversos níveis de pensar

e de ser, que separa o horizonte transcendental da consciência moderna da prática científica.

A razão, ocupada em investigar de maneira unilateral o ser humano como objeto, parece ter se esquecido de que este é sempre chamado a voltar-se para uma realidade que o transcende. Diferentes são os rumos para progredir no conhecimento da verdade. Entre eles sobressai a filosofia. O próprio sentido grego do termo filosofia, amor à sabedoria, expressa seu objetivo de colocar o sentido da vida e esboçar a sua resposta.

Por trás desse único termo filosofia, escondem significados diferentes. Impelidos a conhecer a *verdade* última da existência, procuramos os conhecimentos universais para nos compreendermos e progredirmos na sua realização (SIEMEK, 2001).

Scannone (1992) afirma que faz parte da história da fé e da razão filosófica uma relação de mútua influência e de tensão entre ambas. A fé cristã é profundamente humana, encontra em Cristo a revelação de Deus e a revelação da plenitude humana. Na prática, unificam-se, numa mesma atitude e ação, os amores a Deus e ao próximo. Por outro lado, a filosofia, de acordo com seu próprio dinamismo, tal como suas origens no ocidente, tem como centro o ser humano.

A sabedoria, segundo a doutrina cristã, é dom do Espírito Santo, que introduz o ser humano no conhecimento das realidades divinas, formulando seu juízo com base na verdade da própria fé. É distinta da fé, que aceita a verdade divina tal qual como é, e é próprio do dom da Sabedoria julgar segundo a verdade divina.

Somos vocacionados a capacitar-nos, perscrutando a área do saber, sem excluir o ser humano. É necessário um esforço para que a filosofia volte a encontrar a sua dimensão sapiencial do sentido último e global da vida (*Fides et Ratio* 81 *apud* PERINE *et al.*, 1999).

O paradigma de “razão” expressa duas vertentes culturais: a grega, que se mostra em face de todos os campos da realidade, aberta ao sujeito racional, à natureza, à sociedade, às crenças, aos costumes, às técnicas, dotada de um poder de assimilação da realidade que constitui o dinamismo mais poderoso da civilização do Ocidente; e a razão bíblica, razão da Palavra original na sua manifestação transcendente (*oriens et alto*), que resistiu fortemente a uma assimilação ou absorção pela razão grega, vindo a formar a polarização dialética Fé e Razão, até hoje presente em nosso universo simbólico. Nessa diferenciação da razão, notam-se dois paradigmas: a razão profética, no mundo bíblico, com as diversas formas de linguagem que a Bíblia nos oferece; e a razão epistêmica (ou científica) da Grécia, influenciando a formação da enciclopédia das ciências, em constante crescimento (PERINE *et al.*, 1999).

Na tradição helênica, prevalece a transcendência real do inteligível sobre o sensível, que encontra sua expressão conceptual e lingüística na Alegoria da Caverna, de Platão (PLATÃO *apud* ABBAGNANO, 1991)³.

Há uma analogia dos dois movimentos: o transcendente, que se inclina até nós e que só pode ser acolhido pela nossa razão como uma graça, atitude da fé, domínio da gratuidade; e o da nossa razão, que tenta elevar-se ao transcendente na sua inalcançável distância ontológica, iniciativa da razão, domínio da necessidade racional, ou da metafísica. Tanto a estrutura da fé quanto a estrutura da razão são estruturas teocêntricas, com uma diferença essencial: na estrutura da fé, o movimento parte do centro transcendente e irradia para o círculo da razão finita como Palavra de Salvação, cujo acolhimento na razão é a teologia; na estrutura da razão, o movimento parte da razão finita e converge para o centro transcendente, constituindo-se em suprema sabedoria humana no esforço de alcançar o “Centro Divino”, o que constitui a filosofia em metafísica. Na tradição grega, a Palavra assume a forma palavra da sabedoria que supõe a transcendência do ser humano para contemplar sua fonte original da transcendência (PERINE, 1999).

A filosofia moderna questionadora abarcou todo o universo do saber. Concentrou-se no conhecimento humano, esquecendo-se do ser. Em vez de se concentrar na capacidade do ser humano de conhecer a verdade, limitou-se em sublinhar suas limitações, dando origem às formas de agnosticismos e relativismo, perdendo-se no ceticismo geral gerando atitudes de desconfiança dos grandes recursos cognoscitivos do ser humano, deixando de questionar o sentido e o fundamento último da vida humana (JOÃO PAULO II, 1999).

A FÉ COMO FENÔMENO PSICOLÓGICO

O desejo de conhecer é uma característica humana da inteligência para se saciar nas águas profundas do conhecimento. Em cada conhecimento singular, no fundo de sua consciência, o ser humano experimenta o incondicional. Aceitar a fé implica harmonizar os valores espirituais, anímicos e racionais, pois depende da aquiescência do ser total. E isto é um fato psicológico (JOÃO PAULO II, 1999).

O ser humano é a realidade mais complexa no universo natural, com uma dimensão psicoespiritual. Somos como luz que irradia consciência em vez de fótons. O corpo é como um campo de energia comandado pela mente. A mente tem em si uma energia que a faz transcender do mundo material para o espiritual. Até o envelhecimento é controlado por nossa consciência.

As forças e energias psíquicas se acham presentes em cada coração humano e depende de cada pessoa a habilidade para submergir nas profundezas de nosso ser. Aí, bem no íntimo de nossa personalidade, encontram-se depositadas as experiências de nossos ancestrais; entre elas, está a experiência do “numinoso”, do “divino”, experiência que a humanidade fez ao longo de sua história, através dos séculos, até hoje. Descendo até às profundezas de seu coração, a pessoa acreditará não apenas intelectualmente, mas com toda a sua personalidade: coração, alma, mente e todas as suas forças. Se todas as energias psíquicas estão envolvidas na fé, a pessoa satisfaz as mais íntimas aspirações do seu coração, proporcionando a si calma, serenidade, alegria, satisfação, consolação (BOFF, 1999).

A fé alcança uma certeza superior, a certeza superior ao racional, na medida em que é baseada num testemunho divino. Mostra-se como um processo de interiorização, que é saber o verdadeiro conteúdo da credibilidade, aspecto contido na chegada do apóstolo João ao túmulo vazio [...]” viu e acreditou” (Jo 20,8). Este é o momento intelectual da fé.

A fé humana pode ajudar e criar uma base na qual deposita sua força saneadora e salvífica. Nas ciências contemporâneas, no mundo da fé, acontece que se dá mais espaço ao virtual como real. Porém, necessário se faz evitar o reducionismo antropológico que concentra a visão sobre determinada dimensão humana como se fosse a realidade total. Nesse caso, o ser humano estaria reduzido apenas ao biofísico, ao psíquico ou ao espiritual. E é o que usualmente acontece em muitas interpretações antropológicas. E isto deforma o ser humano, hipertrofiando-lhe uma dimensão e atrofiando-lhe as demais (TERRIN, 1998).

Entender a fé como uma realidade psicológica, que tem suas fontes nas profundezas do inconsciente, requer um diálogo respeitoso e ativo entre a Psicologia e a religião. É um ato de coragem (PEREIRA, 2003).

A fé não é uma verdade abstrata da razão discursiva, mas corresponde-lhe uma profunda vivência interior que pode atingir as raízes últimas da psique humana (KAMINSK, 2005).

Sendo a fé um fenômeno psicológico e pertencendo à categoria de valores sentimentais, para sua efetivação, carece de reflexões racionais. Sem fé, o ser humano se torna irracional; e sem razão, ele não pode ter fé, pois a fé sem razão não passa de credence. As tensões entre fé e razão, vistas por um vértice psicológico, podem ser entendidas como algo bom e necessário. A harmonia no ser se estabelece pelo sentimento de segurança, cujo ego seja maduro para administrar as tensões. As tensões são destrutivas quando são aceitos os frutos da fé sem qualquer avaliação ou questionamento, com ris-

cos de interpretações esdrúxulas e distorcidas, levando os adeptos à ignorância e alienação. O senso comum e lógico aponta realidades incontestáveis, e isso gera conflitos internos. Com a necessidade de purificar formas mitológicas da concepção que as pessoas tinham de Deus, começou o diálogo da fé com a filosofia. Um diálogo equilibrado para não cair nas falsas e vãs filosofias fundadas nos elementos do mundo, e não no transcendente (HEIDEGGER, 1981).

A compreensão da fé como fenômeno psicológico surge do confronto entre manifestações religiosas e os conflitos internos; e as manifestações da fé. Visamos à fé como fenômeno que possa interferir na psique, produzindo alterações nas funções psicológicas da pessoa que crê.

Quando a ciência coloca em lugar da certeza da fé a incerteza do conhecimento, a mente consciente se vê isolada num mundo de variações psíquicas, sem raízes ou afinidades de ligação. A energia e a convicção religiosa, assim como a universalidade da religião, indicam que ela pertence à natureza do arquétipo. É uma função natural e original que exerce influência sobre o ser humano, tão persistente quanto os instintos sexuais e de agressão. Os símbolos da religião coincidem, em todas as épocas e culturas, com as imagens primordiais sempre repetidas. Os arquétipos são os numinosos, elementos de estrutura da psique que dão origem à fé apoiada na experiência.

O reducionismo, método de estudo das religiões, defende que é necessário dar o espaço adequado à explicação científica inevitável, derivada de um mundo fora da fé. Em geral, a explicação científica desafia a possibilidade da irredutibilidade *a priori* dos fenômenos religiosos. Ao contrário, não exerceria seu aspecto crítico, perderia sua identidade. Pelo reducionismo, o nível manifesto da religião esconde um nível mais importante. O modo comum de crer está vinculado a motivos insuspeitáveis, a ponto de comportar um deslocamento das motivações profundas e últimas em relação às motivações manifestas: existe diferença entre o modo consciente de crer e o modo inconsciente que é conduzido por outros motivos e outros significados escondidos. É esse mundo subterrâneo e escondido que precisa emergir; somente então se entenderá como são fracas ou insuficientes as causas que levam a crer (ARDUINI, 1999).

A fé como fenômeno psicológico começou a ser estudada com o advento da Psicologia moderna, com o estudo do comportamento humano. Nessa perspectiva, a fé é um comportamento humano sujeito ao estudo pelas Ciências Sociais, à Psicologia. Trata-se de um fenômeno pessoal e exclusivo do sujeito que crê. Assim, a fé vem de áreas profundas de seu inconsciente

é impulsionalada pelo numinoso, independente da vontade (ARDUINI, 1999). É a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que não se vêem (Hb 11,1). São muitas as pesquisas sobre o desenvolvimento psicorreligioso.

Fowler (1992) descreveu os estágios do desenvolvimento psicorreligioso da criança. Para ele, a fé é um atributo genético do ser humano; Caracteriza-se como processo centralizador que sustenta a formação de crenças, valores, significados; dá coerência e direção à vida das pessoas, ligando-as à confiança mútua e lealdade. Para ele a fé não é uma dimensão separada da vida, uma especialidade compartimentada, mas uma orientação de uma pessoa total, dando propósito e alvo para as lutas e esperanças, para os pensamentos e as ações da pessoa. “É uma forma ativa de ser e comprometer-se, um meio para se adentrar e se modelar novas experiências de vida” (FOWLER, 1992, p. 100). É sempre racional, sempre há um outro na fé. Fowler discerne seis estágios na capacitação para a fé cristã que se relacionam entre si de modo hierárquico e seqüencial, numa ordem ascendente. Cada um, ao se adicionar ao anterior, incorpora-o, podendo ou não, transcender para a fase seguinte. A transição de uma fase a outra pode ser demorada e difícil, exigindo reconstruções e conversões. Um novo estágio emerge quando a pessoa se dá conta das limitações da fase anterior.

A seguir, há um breve relato dos estágios da fé no desenvolvimento psicorreligioso da criança até a vida adulta:

- Pré-estágio da fé lactância. A criança, ao iniciar seus primeiros contatos com o ambiente, é indefesa e necessita de cuidados especiais. Pelo processo inato de adaptar-se ao ambiente começa o processo de aprendizagem. Apreende as primeiras imagens daqueles que lhe dão carinho. Para a criança, essas imagens poderosas que a cercam podem dar-lhe a primeira noção do absoluto. Nessa fase a fantasia preenche os vazios de sua compreensão, e o narcisismo excessivo⁴ pode distorcer a socialização com as outras pessoas e com o meio ambiente.
- Estágio da fé intuitiva-projetiva (entre 4 e 7 anos de idade). É época marcada pela fantasia e imaginação. Aí se formam as imagens e os sentimentos duradouros: tanto positivos quanto negativos. Os símbolos e as imagens da religião são entendidos e imaginados de forma antropomorfa e mágica. Fowler adverte o perigo nessa fase de criar imagens de terror e destruição, ao se reforçarem tabus e expectativas morais.
- Estágio da fé mítico-literal (entre 7 e 8 anos até 11 e 12 anos). A criança começa a diferenciar o natural do sobrenatural. Deus continua sendo entendido em termos concretos com imagens antropomorfas e mágicas. É um estágio de fé corporativa, depende muito do meio social em que

vive. A reflexão sobre os significados das imagens é que leva a criança para o estágio seguinte.

- Estágio de fé sintético-convencional (entre 11 e 12 anos). A fé começa a ser marcada pelas experiências para além da família. Este estágio vai até a fase adulta; e para muitas pessoas, torna-se a fase permanente. Nesse estágio, a fé ainda não é uma auto-escolha. A pessoa experimenta uma divisão da vida em vários cenários de ação; sua fé continua sendo fundamentada numa autoridade localizada fora de si mesma.
- Estágio da fé individualizante-reflexiva (dificilmente surge antes dos 17 ou 18 anos). Para um grande número de pessoas, ele aparece por volta dos quarenta anos. Muitas jamais o atingem. Esse estágio é a expressão de uma nova capacidade na escolha e no seguimento de um caminho próprio. Os resultados das reflexões e opções são pessoais; e não são mais recebidos de fora como nos estágios anteriores.
- O estágio cinco é o da fé conjuntiva. É um estágio raro, antes da metade da vida. Caracteriza-se por um horizonte mais amplo de compreensão e posicionamento. Em vez de reduzir os paradoxos e conflitos a um esquema já pronto, a pessoa incorpora-os ao seu jeito de viver a fé.
- Estágio da fé universalizante. Esse é um estágio real, atingido por poucas pessoas. Difícil de ser descrito em seus conteúdos e processos. Como exemplos temos: Gandi, a Madre Teresa de Calcutá e o Papa João Paulo II. Nessas pessoas, o eu deixa de ser o foco central de referência, cedendo lugar ao Tu último. A pessoa tem uma experiência contínua da participação imediata na vida desse Tu, dessa essência divina. Experiência que não é fuga, mas transformadora do mundo. Ama-se a vida, percebe seu fluir natural e colabora-se com esse fluir livre. Nessas vidas, o Reino de Deus se faz presente. Vive-se um estado de união crescente com Deus.

Numa visão existencialista, a fé é entendida como fenômeno existencial, teia de conceitos que entrelaçam a Psicologia, a Filosofia e a Teologia (PEREIRA, 2003).

Na pesquisa acurada que se faz dos anais de Psicologia atual, vê-se que, na realidade, os fenômenos relativos à religião, à crença e à fé são essencialmente oriundos das profundezas do inconsciente. Embora muitas vezes possam se manifestar como ação volitiva, ou decisão racional, nada mais são do que racionalizações, para alívio das tensões produzidas por sentimentos incompreendidos. A fé é inseparável do ser humano, pois se constitui em atributo essencial da existência. Pela própria natureza, está intimamente ligada à realidade psicológica do ser que crê, pois envolve sentimentos, emoções, vontades, desejos, atitudes e demais aspectos da personalidade.

Heidegger (1981) define fé como a manifestação psicológica do sentimento, emanada das profundezas do inconsciente. Podemos entender que o sentimento como elemento originado no potencial afetivo é o componente fundamental do ato de crer. Crer é confiar em algo que é capaz de atender aos anseios espirituais. É sentir que o ser superior, objeto da fé, responde com amor à petição.

A fé é uma manifestação natural de todo o ser natural e transcende à razão. Está além do volitivo, mas se faz presente no contexto da vontade e da razão. Não pode ser ignorada a realidade psicológica que a envolve, incluindo os pressupostos teológicos, filosóficos e psicológicos de conclusões fáceis, mas certamente obscuras e imprecisas, sem evidências científicas (PEREIRA, 2003).

A eficácia da fé ainda não foi aprofundada, nem do ponto de vista psicológico, nem do religioso. De fato, parece que aquelas pessoas que crêem fazem milagres. O problema é que nossa fé não é suficientemente grande, forte, inquebrantável. Josias (2003, p. 10), teólogo e psicólogo, afirma: “de um modo geral, para as pessoas que crêem, não há interesse em compreender o significado do fenômeno fé. Basta apenas crer, pois pela crença elas solucionam seus problemas, minimizam seus anseios”. Para o cientista, o filósofo, o psicólogo e o teólogo, a compreensão do fenômeno requer pesquisa e reflexão, pois esta se constitui em fatos dinamizadores do crescimento da pessoa que crê e da comunidade de fé. Vêm a fé como uma maneira de ser, que expressa os conteúdos do inconsciente, e não exclusivamente ações e formulações morais e éticas (PEREIRA, 2003).

Heidegger (1981) tem uma postura voltada para a fenomenologia. Apresenta subsídios significativos para a análise da fé como fenômeno psicológico. Na busca cotidiana do ser humano, para reconhecer sua própria personalidade, tem íntima relação com a fé, com a conscientização do ser que crê. E a partir do estudo de textos que norteiam os conceitos da Filosofia, Teologia e Psicologia é que se atém à realidade existencial que pretendemos direcionar a investigação, levando em consideração os aspectos fenomenológicos envolvidos.

Ao considerar a fé como fenômeno psicológico, adentra-se em uma seara que nos remete à reflexão sobre uma realidade constituída pela tensão gerada entre fé e razão. Ao passo que a razão preconiza o entendimento no sentido da faculdade cognitiva intelectual, a fé transcende o cognitivo e vai em direção de outros elementos essenciais. Dai a compreensão de que a razão, sem os meandros filosóficos, significa algo objetivo, e a fé como manifestação do sentimento é puramente subjetiva.

Entretanto, mesmo sendo sentimento, a fé emerge da essência do ser, situando-se no âmbito do espírito. O ser humano, pela sua racionalidade, tem dificuldade de aceitar o inexplicável que está no medo do desconhecido; e o desconhecido assusta. Diante do desconhecido, o ser humano sente-se débil. A debilidade tanto o incomoda que precisa explicações para o alívio das tensões. Como não são convincentes, pois são criadas de fantasias fóbicas, resultam como conseqüência em ansiedade que, reprimida pelo ego, por meio de mecanismos de defesa, cria tensões psicológicas que, muitas vezes, desembocam no conformismo, no espiritualismo vazio ou no ceticismo (HEIDEGGER, 1981).

A fé como fenômeno psicológico é o processo humano universal de construir significados, que é uma parte integrante do desenvolvimento do ego ou da personalidade. É a disposição total, da pessoa ao ambiente, no qual são investidas a confiança e a lealdade em centros de valor que dão poder e apoio e dirigem nossas vidas diárias. É entendida sob dois pontos de vista: cognitivo e psicossocial. O problema é que nem uma dessas perspectivas reconhece a complexidade da fé em termos de sua composição de elementos psicológicos, a consciência, a inconsciência e os fatores sociais; nem seus elementos espirituais, no numinoso. Ou a fé é reduzida a um comportamento humano em que não há espaço para o mistério, ou a um dom de Deus, em que a pessoa é passiva e reativa e sua personalidade nem entra na dignidade da fé (PEREIRA, 2003).

Não se objetiva aqui esmiuçar as análises e questões profundas das teorias da fé abordadas pelos filósofos e teólogos em questão, pois os parâmetros de nosso artigo não nos permitem ir além do enfoque de referenciais básicos da fé. Entretanto, não se pode deixar de mencionar Cal Jung (1875-1961), o grande expositor da Psicologia contemporânea. Não é possível qualquer referência à Psicologia da Religião sem que ele seja lembrado. Ele aborda um amplo trabalho sobre a relação da Psicologia com a religião, com questões relacionadas com a fé.

Jung (*apud* HOSTIE, 1968, p. 78) descreveu a fé como tendo sua fonte no inconsciente, nos arquétipos, não no sentido reducionista em que o inconsciente controla a fé. Os arquétipos⁵, para ele, são as formas herdadas de como a psique funciona, percebe e organiza idéias e imagens. Essas formas controlam o consciente para formar padrões do conteúdo de toda a psique. Os arquétipos regulam ou direcionam a percepção consciente. A pessoa é possuída pelos arquétipos e não os controla. Esses instalam-se na consciência através de símbolos. Esses símbolos são imagens carregadas emocionalmente que têm caracteres mitológicos, universais e trans-humanos. Esses símbolos são as estruturas ou as formas psíquicas que organizam o inconsciente coletivo, herdeiro de toda experiência humana em todos os tempos.

Os arquétipos, ou as experiências humanas e universais, são poderes independentes e superiores ao ego residente no inconsciente. Possuem ou revelam o numinoso, agente fora independente da consciência que possui ou expressa o divino, o espiritual ou o místico. Neste sentido, Deus reside dentro da pessoa, nas estruturas fundamentais de seu ser, e é um sentimento profundo. O ato de crer que se constitui na fé não se processa por uma decisão consciente e espontânea do sujeito. Antes, é movida por impulsos profundos, vindos de substratos inconscientes (HEIDEGGER, 1981).

Jung (*apud* PEREIRA, 2003) vê a possibilidade da existência de Deus fora das estruturas do inconsciente, mas limita suas observações à presença e operação de Deus dentro da psique.

Para Pereira (2003), Deus ou o numinoso é uma realidade psíquica, que é o fundamento da fé e que vai além da psique. Deus é uma realidade, o fundamento da fé psíquica e transcendental. Ter fé é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente. É estar possuído pelas profundezas do inconsciente e pelo Deus transcendental. Qualquer separação dessas duas realidades não reconhece a complexidade e a profundidade da fé como uma realidade psicológica e transcendental.

A alma (psique) que estabelece a ligação entre o somático e o essencial tende, de um lado, à corporeidade e, de outro, à essencialidade que se denomina “psicológica”, institui um estado egóico de dimensões conscientes e inconscientes. Num estado conflitual entre duas dimensões, o sujeito se vê envolvido na tensão psicológica que, embora conflitante, deve ser administrada pelo ego, de tal modo que gere um equilíbrio psicodinâmico.

É na compreensão e aceitação dessas tensões que o ser finito convive harmonicamente com sua finitude e vislumbra, com a esperança, o infinito e, pela mesma fé, gera o conflito. Aceitando sua limitabilidade, salta para o desconhecido, encontrando nesse ato corajoso do imprevisível a resposta do eterno, transmitindo-lhe paz. É a paz interior que supera toda compreensão racional, elevando o crédulo à dimensão espiritual.

A FÉ COMO FENÔMENO ESPIRITUAL

A razão busca explicações que justifiquem sua existência diante de experiências de qualquer natureza. A fé por si só se basta, não exige explicações, apenas depende da aceitação. O ser superior ouve a petição do crente e responde de forma miraculosa. A resposta tem como conteúdo básico o mistério; é algo que foge à compreensão racional, não carece de explicação, basta ser sentida e aceita (PEREIRA, 2003).

O crente judaico-cristão vê no mundo criado uma dádiva divina. Acolhe a vida como um presente do céu, confiante que “todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8,28).

A pessoa que crê na criação divina sabe respeitá-la, reconhece seus valores. Aprende a respeitar as outras criaturas, e seus semelhantes, independentemente de culturas, raças, religiões e *status* social. A experiência da transcendência real, que vai além dos limites do horizonte material e histórico, no qual o ser humano se encerrava, decantada e pura com relação aos primeiros ensaios que vinham dos tempos pré-históricos, assume uma característica original na tradição bíblica. Essa característica original da experiência da transcendência real no paradigma da Palavra criadora, que é uma Palavra de Revelação, é Jesus Cristo, o centro da Fé (PEREIRA, 2003).

Se em cada criatura existe um toque divino, passa-se a ver em cada pessoa um irmão, uma irmã. É o que nos ensina São Francisco de Assis, que chamava o sol, a lua, o vento, a água e toda a natureza de irmão, irmã. Reconhecendo a dignidade de nossa natureza humana, Alves (1982, p. 93) assim se expressa: “Sei apenas fazer milagres pequenos: comer quanto tenho fome, beber quando tenho sede e quando ofendido por alguém, perdoar”.

Para aqueles chamados à reflexão, não basta conhecer como se estruturava o átomo, como se desenvolvem as doenças cancerígenas ou em que consiste a morte de uma pessoa do ponto de vista filosófico. Tais conhecimentos são nos insuficientes. Empenham-se para alcançar uma concepção sobre a totalidade do real e sobre a própria existência humana: o fato completo, a coesão global do mundo e da existência. Sabemos ser impossível esse conhecimento pelos métodos das ciências exatas. E ao filosofarmos somos levados em direção à totalidade. O sentido último daquilo que deparamos na experiência. O fato de que vivenciamos o absoluto no decorrer de nossas vidas é muito indefinido num universo constituído apenas de acaso ou acidente. Só a fé é capaz de nos possibilitar o conhecimento das realidades divinas (ALVES, 1982).

A fé é algo que se sente. É sentimento, é ato de sentir. Por ser sentimento, é subjetiva e transcendente, não abstrata; existe concretamente no ser que crê. É direcionada a um ser subjetivo e transcendente, mas a transcendentalidade e subjetividade do objeto da crença não anulam a realidade existencial e a concretude no espírito de quem crê, pois, embora estando além da compreensão racional, é uma presença real e concreta, no âmago da existência do ser que crê. O conhecimento que é peculiar à fé se fundamenta no transcendente. Além das verdades que a razão natural pode compreender, podemos, pela fé, ver os mistérios escondidos em Deus (JOÃO PAULO II, 1999).

O fundamento filosófico vem dos sentidos sobre a experiência movida com a luz do intelecto humano. Situa-se na razão natural, ao passo que a fé é iluminada e guiada pelo Espírito de Deus no reconhecimento das verdades reveladas no Filho de Deus que se fez Homem (Jo 1, 14). Entretanto, a revelação está envolvida de mistério. Somente a fé nos permite entrar no mistério trinitário, proporcionando sua compreensão para vislumbrar o rosto do Pai na vida de Jesus Cristo (JOÃO PAULO II, 1999). É pela fé que reconhecemos plena e integralmente a verdade de tudo o que foi revelado. E a fé permite a cada pessoa exprimir sua própria liberdade. Os sinais presentes na revelação, em auxílio à razão, servem para conduzir à busca da verdade e permitir que a mente possa investigar o mistério. O conhecimento comum não anula o mistério, torna-o mais evidente. Conheceréis a Verdade; e a verdade libertar-vos-á (Jo, 8,32). A verdade habita no interior do ser humano; e ele necessita perscrutar esse mistério transcendente, para assimilar a verdade Revelada como expressão do amor (JOÃO PAULO II, 1999).

[...] a experiência existencial da fé toca a emoção, as profundezas do eu, os derradeiros destinos da vida, as razões mais profundas pelas quais vivemos ou morremos (AMADO, 2004, p. 1,14).

O conhecimento do mundo e de seus fenômenos não se dá pela abstração nem nos parâmetros da época moderna propensa à subdivisão do saber. Na convicção de que existe uma unidade profunda e indivisível, o mundo bíblico convergiu o conhecimento da razão e o conhecimento da fé. A razão se serve da fé para perscrutar, analisar e julgar o mundo e sua história. A fé abre a mente para entender a presença operante divina. Daí se conclui que, se a fé como crença é algo que emana do interior do sujeito, ela está além da razão e do intelecto, mas vem das profundezas do sentimento.

Groome (*apud* HEIDEGGER, 1981), em sua obra *Educação religiosa cristã*, assume a forma de uma relação de crédito e confiança num Deus pessoal. Está relacionada, com a área afetiva, está na dimensão do sentimento, sem desprezar o intelectual, o cognitivo.

Santo Agostinho (1987), ao desenvolver seu pensamento sobre a fé, não deixa dúvidas quanto à idéia de que a fé é algo que ocorre independentemente da vontade ou do desejo daquele que crê. A fé que se tem no divino origina-se na própria divindade.

Vê-se em Deus e n'Ele se move quando se faz da existência um constante voltar para o outro, o ser humano. Na doutrina cristã, dá-se o nome de caridade; e é considerada a maior de todas as virtudes recebidas de Deus,

porque quem ama tem fé e esperança na pessoa amada. Considera-se a pessoa humana como o sagrado: “Tira as sandálias dos pés, porque o lugar onde estás é uma terra santa” (Ex 3,46).

É próprio da existência humana o crer que trás a esperança e o amor levando as pessoas à prática do bem e da justiça. É uma dimensão de conversão, de sede de Deus, de ruptura com o mal, um convite a acolher o bem, como fruto do amor (JOSAPHAT, 1998).

A fé tem uma dimensão histórica bíblica e se aprofunda na experiência do povo. Deus aparece dominando a história e indicando o sentido para a vida do povo (JOSAPHAT, 1998).

De todas as buscas humanas, a busca da sabedoria é a mais perfeita, a mais sublime, a mais útil e a mais agradável. A mais perfeita porque à medida em que o ser humano se entrega à busca da sabedoria, nesta extensão, ele já desfruta de alguma parcela da verdadeira felicidade (KAMINSKY, 2005).

Gardener (1994) acredita que em nosso cérebro existe um lugar determinado para as múltiplas inteligências e que as oito inteligências se interrelacionam com a inteligência espiritual. Inteligências: lingüística, espacial, cinestésico-corporal, naturalista, lógico-matemática, interpessoal, intrapessoal – espiritual.

A inteligência espiritual é aquela que transcende o que é imanente ao ser humano, vai além da inteligência interpessoal e intrapessoal e guarda estreita relação com o que Salovey (*apud* GARDENER, 1994) chama de inteligência emocional. Necessita das demais inteligências para se constituir e se expressar como modo de compreensão holística da realidade.

O que significa experimentar Deus, hoje, em nosso mundo panteísta? Nesse mundo da experiência científica, é possível definir uma experiência de Deus? A fé como realidade espiritual começa com o entendimento da fé como fundada na revelação. A pessoa pode estar preparada para buscar e receber a fé, mas só Deus pode dá-la.

As crises de nossa cultura e das imagens do ser humano afetaram todas as nossas representações de Deus. Faz-se mister resgatar a experiência do Deus vivo e verdadeiro, que não corresponde à imagem cognitiva de nossa cultura. Experiência, segundo Boff (1999), é uma das palavras mais ricas e difíceis de expressar. É sentir, vivenciar e experimentar Deus, sua graça, o Espírito Santo.

A Bíblia é, por excelência, o testemunho de radicais experiências de Deus, e só tem sentido se emergir nas situações nossas do dia-a-dia. Para experienciá-lo é necessário ouvi-lo e experimentá-lo. Portanto, cada qual deverá percorrer o seu caminho, na sua área, no seu setor, e na sua interioridade deixar transparecer Aquilo a quem se chama Deus. Isso não se fará sem empenho e, no máximo,

rigor da vida. A experiência de Deus não é provocada, mas se pode preparar para o seu advento. Quem busca sempre encontra Deus, porque percebe que estava sempre com Ele antes mesmo de buscá-lo. No entanto, a busca de Deus exige um despojamento de si mesmo, para ceder lugar a Deus. É necessário o êxodo para entrar na Terra Prometida, passando pelo deserto, a noite escura, as longas vigílias para se beneficiar da luz autêntica do dia. É necessário ter fome e sede de Deus, buscá-Lo como se procura o ar para respirar ou a água fresca para saciar a sede. Deus é como as ondas de rádio, televisão, ou internet, que transitam nossa atmosfera; importa ter o monitor e o aparelho ligados para captá-Lo, então Ele poderá ser ouvido apesar dos ruídos da vida (BOFF, 1999).

“Ninguém jamais viu a Deus” (1 Jo 4,12). Deus se dá a conhecer por muitos caminhos; Ele é sempre o outro. É aquele que está no verso da medalha do que se vê e se vive. É encontrado onde menos o se espera. Visto onde há cegueira, contemplado onde há cruz, amado onde há lágrimas, e se faz luz onde há trevas. A revelação definitiva de Deus é no ser humano histórico. Sem a verdadeira experiência de Deus, nossa vida andarás errante entre muitos deuses falsos, ídolos enganosos da verdade que se perde.

Numa perspectiva do espaço epistemológico, a estruturação das experiências se faz segundo regras cada vez mais rigorosas de racionalidade; e a experiência tradicional de Deus parece recuar e ser expulsa do campo da racionalidade, com dificuldade de traduzir-se em uma teologia no sentido estrito. A experiência de Deus é substituída por vivências pré-rationais e, mesmo irracionais, que se pretendem religiosas, folclorização do *rationabile obsequium* da liturgia questionada, com ceticismo, pelos pesquisadores.

A experiência de Deus é única, que não se desvela por experiências científicas. Diante de uma Presença analógica, por isso transcendente a toda presença particular, *Per via negationis*. A experiência de Deus é a impossibilidade do absoluto radical do ser. É a fé em Jesus Cristo que se manifesta na encarnação e se plenifica na ressurreição. É uma experiência de fé diante do sagrado. Há fascínio e temor.

Falar de Jesus Cristo como objeto de fé, “*Credo in dominum nostrum Iesum Christum*”, é rigorosamente teo-logizante. É traduzir em nossa linguagem a presença de Deus em Cristo. Um dos últimos parágrafos da Encíclica *Fides et Ratio*, o Papa João Paulo II (*apud* PERINE, 1999, p. 154) assim se expressa: “A todos peço para se debruçarem profundamente sobre o ‘ser humano’ que Cristo salvou no mistério de seu amor, e sobre a sua busca constante de verdade e de sentido”.

A opção do ser humano de viver na verdade é a de construir sua própria casa à sombra da Sabedoria, e nela habitar. E, nesse horizonte da verda-

de, pode compreender sua liberdade no amor e conhecimento de Deus para a realização de si mesmo (PERINE, 1999).

Na encíclica *Aeterni Patris*, Leão XIII (*apud* PERINE *et al.*, 1987) afirmou a necessidade de se adotar uma filosofia que, sem perder sua característica de saber humano autônomo, pudesse contribuir à fé e à revelação cristã, mostrando não só as verdades naturais, mas também auxiliando a teologia no esclarecimento e na organização racional: tornando possível harmonizar os mistérios divinos com a verdade natural e refutar os argumentos contrários.

Notas

¹ *Eclétismo*: grego ekleticos, “quem escolhe”. Significado comum: abordagem filosófica (melhores teses ou elementos dos diversos sistemas conciliáveis). Significado particular: “discernir entre o verdadeiro e o falso nas diversas doutrinas” (CLEMENTE, 1997, p. 109).

Cientificismo: ETIM, formado a partir de ciência. Significado comum: atitude intelectual – século IX; que concede um valor absoluto ao progresso científico. Confere à ciência o monopólio conhecimento verdadeiro. Termos próximos: positivismo. Termos correlativos: fé, progresso, ciência (CLEMENTE, 1997, p. 59).

Historicismo: ETIM, do grego históricos, que respeita a história. Sentido comum: doutrina, tese filosófica (a verdade não é dissociável). Termos próximos: relativismo. Termos correlativos, objetividade, verdade (CLEMENTE, 1997, p. 179).

Pragmatismo: ETIM: grego *pragma*, “ação”. Sentido comum: princípio de eficácia sem preocupação teórica. Êxito da ação. *Termos próximos*: utilitarismo. *Termos opostos*: intelectualismo. *Termos correlativos*: ação; conhecimento; verdade (CLEMENTE, 1997, p. 310).

² Revelação é a qualidade de conhecimento oferecido ao “ser humano” pelo próprio Deus.

³ A caverna corresponde ao mundo do visível, e o Sol é o fogo cuja luz se projeta dentro dela. A ascensão para o alto e a contemplação do mundo superior são símbolos do caminho da alma em direção ao mundo inteligível. É com a sua “esperança” pessoal que Sócrates [...] apresenta isto. [...]. O conceito de esperança é aqui empregado com especial referência à expectativa que o iniciado nos mistérios experimenta em relação ao além. A idéia da passagem do terrestre à outra vida é aqui transladada à passagem da alma do reino visível ao reino invisível. O conhecimento do verdadeiro Ser representa ainda a passagem do temporal ao eterno. A última coisa que na região do conhecimento puro a alma aprende a ver, “com esforço”, é a idéia do Bem. Mas, “uma vez que aprende a vê-la, necessariamente tem de chegar à conclusão de que esta idéia é a causa de tudo quanto no mundo existe de belo e de justo e de que, forçosamente, a deve ter contemplado quem quiser agir racionalmente tanto na vida privada como na pública”.

⁴ Narcisismo, fase em que a criança se sente o centro de todas as atenções (BUENO, 2000, p. 532).

⁵ Arquétipos, função natural e original, força instintiva do ser humano, tão persistente quanto os instintos sexuais e de agressão.

Referências

ALVES, E. F. *A fé do cientista e a fé do crente*. Petrópolis: Vozes, 1982.

AMADO, W. *Diálogos com a fé*: estudos temáticos. Goiânia: Ed. da UCG, 2004.

ARDUINI, J. *Destinação antropológica*. São Paulo: Paulinas, 1999.

- BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano e compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BUENO, S. *Minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: FTD, 2000.
- FABRI, M. Linguagem e desmistificação em Levinas. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 29, n. 91, p. 265, maio/ago. 2001.
- FOWLER, J. W. *Estágios da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.
- FRANCA, L. O enigma do homem: a fé e os obstáculos à fé: pergunte e Responderemos: problemas-questões atuais. *Lumen Christi*, ano XL, n. 445, jun. 1999.
- HEIDEGGER, M. *Todos nós... ninguém...* São Paulo: Moraes, 1981.
- JOÃO PAULO II. *Fides et Ratio*: carta encíclica do Sumo Pontífice aos Bispos da Igreja Católica sobre as relações fé e razão. São Paulo: Loyola, 1999.
- JOSAPHT, F. C. *Fé, esperança, caridade*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- KAMINSKI, L. M. S. *A inteligência espiritual/existencial: uma nova inteligência?* Dissertação (Mestrado) – PUC-SP, São Paulo, 2005.
- PEIXOTO, L. F. *A assistência psicoespiritual em enfermagem: ensino e prática*. Tese (Doutorado) – Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- PEREIRA, J. *A fé como fenômeno psicológico*. São Paulo: Escritoras, 2003.
- PERINE, M. et al. Reflexões a partir da encíclica Fides et Ratio. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 26, n. 85, maio/ago. 1999.
- RIBEIRO, G. B. Fé, teologia e ciência no espaço acadêmico. In: LAGO, L. et al. *O sagrado e as construções de mundo*. Goiânia: Ed. da UCG; Universa, 2005.
- SANTO AGOSTINHO, S. *A verdadeira religião*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- SIEMEK, M. J. Husserl e a herança da filosofia transcendental. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 28, n. 91, p. 195, maio/ago. 2001.
- TED, P. et al. *Construindo pontes entre a ciência e a religião*. São Paulo: Loyola; Edunesp, 2003.
- TERRIN, A. N. *O sagrado off limits*. São Paulo: Loyola, 1998.

Abstract: the characteristic object of philosophy may contribute to the comprehension of the divine revelation. The fearlessness of faith must correspond to the daring of reason. The human being without faith becomes irrational and, without reason, he cannot have faith, once faith without reason is only a belief. Faith and Reason integrate as if they were the two wings by which the human being transcend for the contemplation of the truth.

Key words: *Faith, Reason, Transcendent, Philosophy, Theology*

LUZIA FERREIRA PEIXOTO

Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora no Departamento de Filosofia e Teologia da Universidade Católica de Goiás. E-mail: luziaelvia@cultura.com.br